



CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR

ROY ANDERSSON



SINOPSE

Um fim de tarde, algures no nosso hemisfério, tem lugar uma estranha série de acontecimentos ilógicos: um amanuense é despedido de modo degradante; um imigrante perdido é atacado violentamente numa rua movimentada; um ilusionista comete um erro no seu número... Pelo meio de toda esta loucura, há uma pessoa que se destaca: Karl, coberto pela fuligem do incêndio que ateou para destruir a sua loja de mobiliário e ficar com o dinheiro do seguro. O sono não vem calmamente esta noite aos cidadãos desta cidade.

No dia seguinte, os sinais do caos começam a instalar-se, com a loucura a manifestar-se num conselho de administração, e a própria cidade estrangulada por um engarrafamento terrível.

Com o novo milénio a tecer a sua teia e a criar um enorme colapso mental, Karl torna-se gradualmente consciente do absurdo do mundo, e compreende como é difícil ser humano...



REVISTA DE IMPRENSA

CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR

ONDE O DRAMA E A FARSA SE ENCONTRAM
COMO SE FOSSEM VELHOS AMIGOS

By Elvis Mitchell, New York Times

Dois anos atrás, a hipnoticamente divertida comédia absurdistica CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR foi apresentada no Festival de Cannes, e cenas desse filme continuam a vir-me à cabeça. (O filme recebeu um Prémio Especial do Júri do festival).

O argumentista e realizador Roy Andersson usa o ecrã panorâmico para compor planos glacialmente belos, e prende a câmara ao chão enquanto a ação, muitas vezes bem-humorada, tem lugar. Essa quietude ligeiramente incomodativa e os enquadramentos estáticos dão a estes quadros cómicos a força da arte, e isso reforça o humor: é uma combinação de Bergman e Feydeau. Ou, para aqueles com sensibilidades pop, Jacques Tati revisto pelo cartoonista Gary Larson, criador da tira "The Far Side".

Toda a ação decorre dentro do enquadramento estático, numa série de episódios aleatórios. O filme evita a narração convencional, preferindo explorar, ao longo de momentos discretos, a revelação horrivelmente hilariante que o Destino não poupa ninguém.



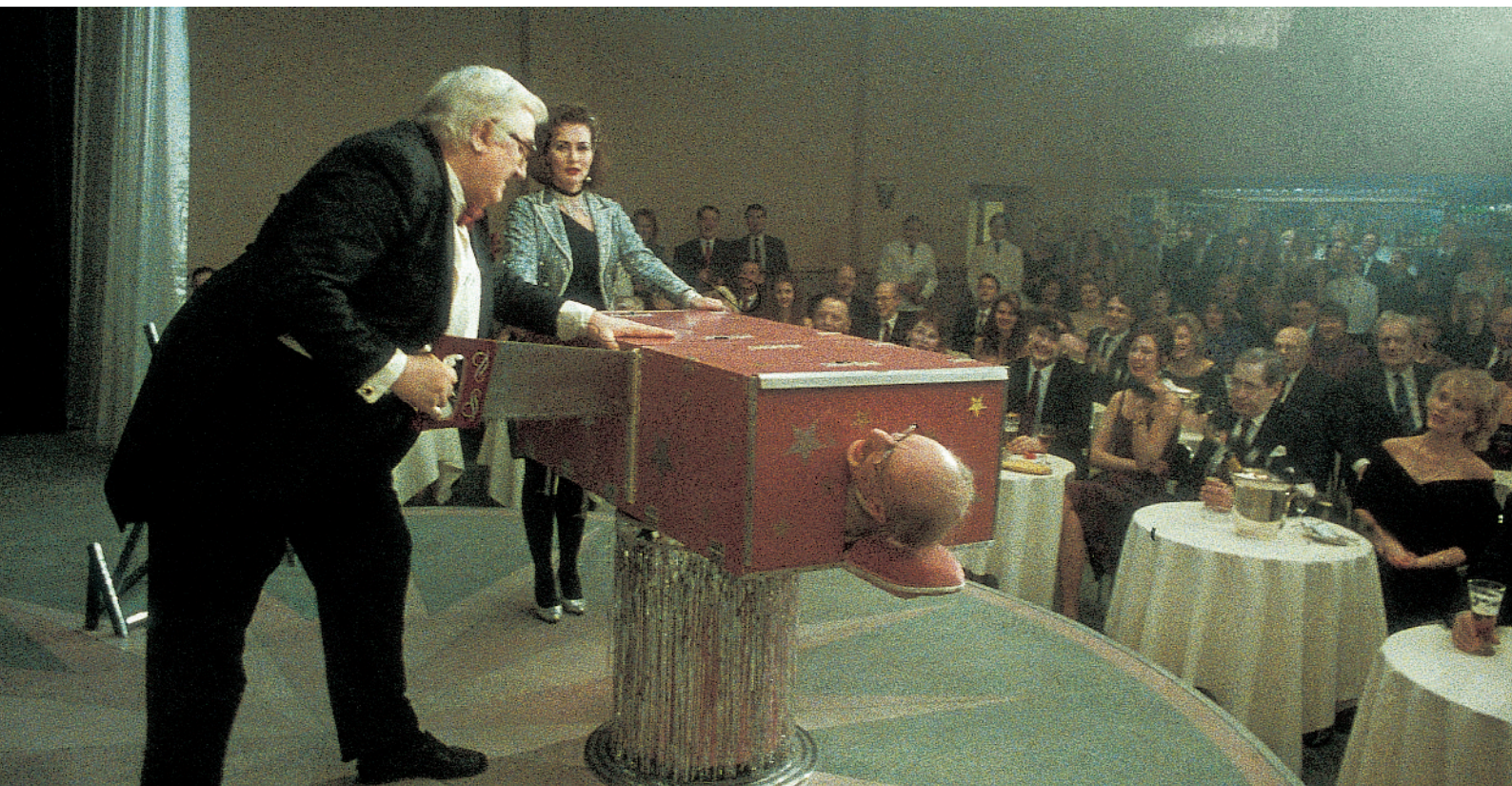
Nas cenas onde um homem desesperado que não quer perder o emprego se agarra aos tornozelos do seu chefe que joga golfe, estamos praticamente à beira do melodrama insuportável. Mas Andersson compreende como a linha entre a comédia e o pathos tem a espessura de uma membrana. Cria tensão com o seu enquadramento, sabendo que a mesma lenha que cria drama ao arder também pode dar energia à comédia. A sua decisão de garantir a secura do humor – a câmara fica a ver tudo como um observador passivo ou charrado – é uma opção de um realizador astuto que usa a contenção como um ato deliberado. A compulsão de Andersson manter sempre a câmara à mesma distância e capturar cada ato num take único dá ao filme a ressonância fantasmagórica de um sono inquieto.

Damos por nós a admirar a determinação de Andersson. O próprio espectador pode sentir-se angustiado com a recusa insistente de mudar de ângulo durante um engarrafamento enlouquecedor e calamitoso. Cenas como esta, dirigidas à distância, dão ao filme uma sensação de acaso quase pós-apocalíptico.

O tom mordaz e quase fúnebre do filme sugere Odin a observar os fracassos da sociedade moderna – e os seus efeitos alienantes na raça humana – através de um globo de neve. Ninguém aqui é capaz de comunicar: Andersson laminou o seu elenco, e o selo antisséptico que os impede de gerar a fricção que torna a vida digna de ser vivida coloca cada um deles a viver numa bolha de plástico. Mas o êxito do realizador em manter este tom tem o seu lado mau. Ao fim da primeira hora, a continuação da técnica cria cansaço. A sua consistência concentrada perde força, e parece que estamos prisioneiros de um sonho.

É neste momento que sentimos que CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR precisa de um segundo ato, ou então parece que os “cinco estádios da morte” da Dra. Elizabeth Kubler Ross se reduzem a um único: a negação. O realizador é capaz de gestos e floreios, mas os clímaxes, garantidamente evocando a mesma resposta, são um pouco anestésicos.

Ainda assim, CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR, exemplo de um género insuficientemente discutido, é um clássico menor, pensativo e comovente, obra de um artista genuíno e singular.



"Ao mesmo tempo malevolamente divertido e profundamente perturbante, o poema tonal seco e apocalíptico de Andersson conjura uma visão requintadamente hermética da humanidade em direcção ao seu final."

Time Out New York

"Uma comédia deliciosamente absurda sobre uma cidade que se desintegra sob os nossos olhos."

The Hollywood Reporter

"Uma bizzarria genuinamente fascinante"

Time Out London

"Andersson tem algo de Woody Allen e Terry Gilliam, mas com estirpes de anarquia e melancolia que são só suas. Este é um filme que vai testar a paciência dos amadores, mas espantar todos os outros. Haverá quem o veja como um ovo podre de estranheza – mas mesmo aí é um ovo Fabergé."

The Guardian

Suécia, Noruega, Dinamarca | 2000 | 98 min

Distribuído por Alambique | Informações em www.alambique.pt


alambique